

PÁGINA DAS ADOÇÕES

BIBLIOTECA



O CORREIO MISSIONÁRIO

■ DAS CRIANÇAS ■

PÁGINA DAS ADOPÇÕES

Reverenda Madre:

Gosto muito do "Correio Missionário das Crianças," e muito gostava de ter um afilhado que ainda não estivesse baptizado e que tivesse o meu nome, Carlos Maria de Jesus; envio-lhe essa pequena esmola para o seu baptismo e muito desejaria ter notícias do meu afilhadinho.

Creia-me seu o amiguinho que pede nas suas humildes orações pelas Missões e por tôdas as Franciscanas Missionárias de Maria.

Seu humilde servo em N. S. J. C.

Carlos Maria de Jesus

(de oito anos feitos em Julho).

Primeiramente agradecemos muito reconhecidas ao Carlos Maria as suas fervorosas orações. O seu pedido será satisfeito e em breve o Correio Missionário lhe dará notícias do afilhadinho que deseja e a Missão a que pertence. Agradecemos também o seu generoso donativo.

Meu querido Correio Missionário das Crianças

A minha irmã e eu queríamos adoptar um dos vossos pequeninos protegidos. A minha irmã Maria do Rosário tem treze anos e gostaria muito dum chinesinho de seis anos que ficaria com o nome de José. Eu tenho catorze anos e queria uma pretinha de três a cinco anos que receberia o





A AVENTURA DE SUSANA

UM dia, a Irmã Francisca, Agregada do Convento de Tsi-su-mu, foi com uma Virgem chinesa que se ocupa dos pequeninos da creche à estação, acompanhar uma jovem aluna que seguia para Pequim. No regresso passaram pela casa de Siang-hoa. O combóio partira às 6 horas. Assim tão de madrugada, e de improviso, era de prever um bom êxito.

E tudo correu maravilhosamente. Ao ver entrar a Irmã Francisca, Siang-hoa ficou logo desconcertada. Mas era preciso cautela e não perder a linha!

«A Susana?

— Não está aqui.»

Mas a Irmã Francisca não se convence assim tão de-pressa.

«Não está aqui? diz ela, assentando-se à entrada da porta, pois não faz mal, esperarei e hoje não me irei embora sem a levar.»

Tôda a família estava em casa, excepto o pai. Olham-se reciprocamente, mas ninguém se mexe. E a Irmã Francisca pensava já se o ardiloso pagão as não teria visto de longe e não teria fugido precipitadamente com a criança. De-repente, ouve-se fora uma vozinha infantil: «Má Má». A mãe e os filhos apenas têm tempo de trocar um olhar de espanto; a Irmã Francisca está de pé na porta que entrea-briu. A pequenina corre para ela como um raio e de-repente encontra-se presa nos seus braços. Dali ninguém a tiraria tão facilmente. A cena muda logo. Gritos? Reclamações? Não, não se ouve nada disso!...

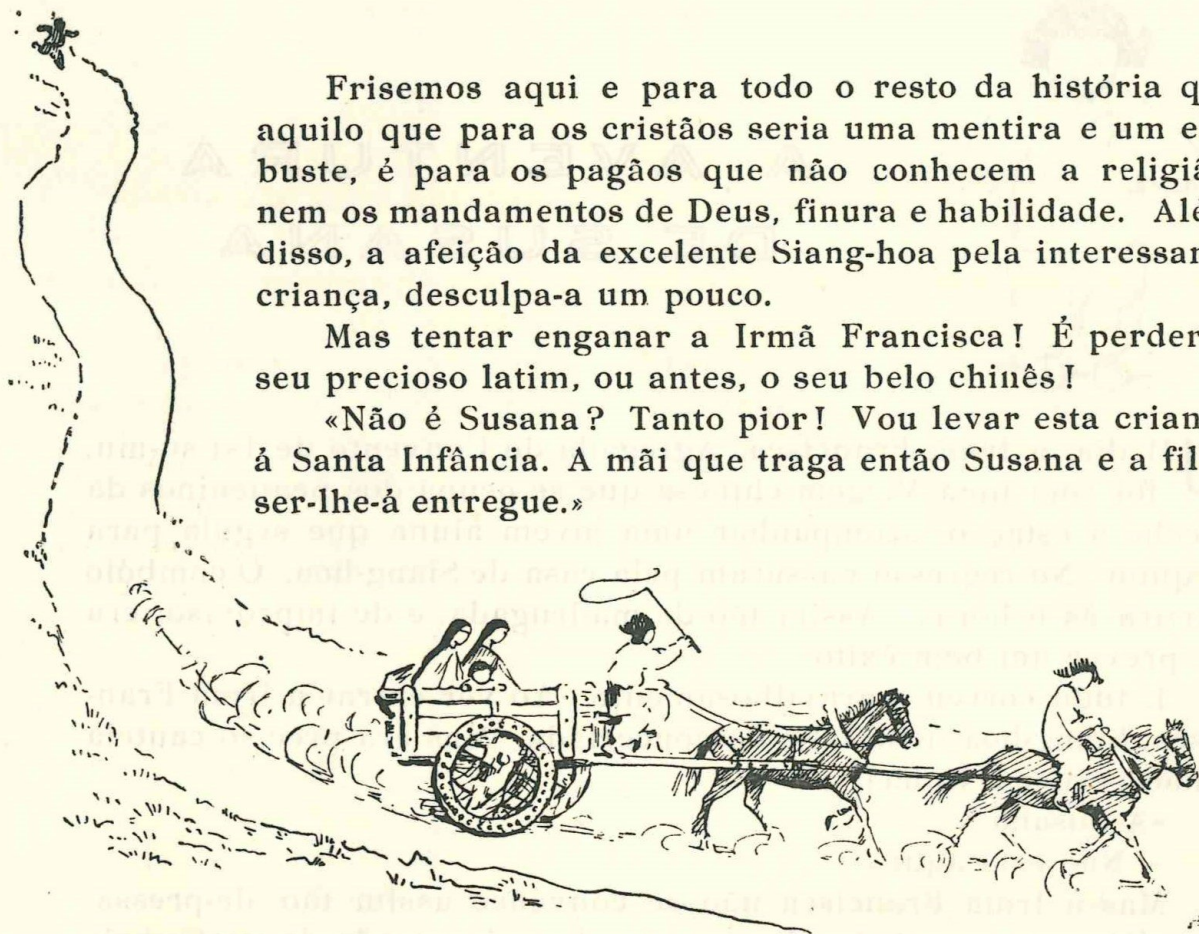
«Oh! intervém a ama com um sorriso astuto, está enganada. Essa não é a Susana, é filha duma vizinha nossa!...»



Frisemos aqui e para todo o resto da história que aquilo que para os cristãos seria uma mentira e um embuste, é para os pagãos que não conhecem a religião, nem os mandamentos de Deus, finura e habilidade. Além disso, a afeição da excelente Siang-hoa pela interessante criança, desculpa-a um pouco.

Mas tentar enganar a Irmã Francisca! É perder o seu precioso latim, ou antes, o seu belo chinês!

«Não é Susana? Tanto pior! Vou levar esta criança à Santa Infância. A mãe que traga então Susana e a filha ser-lhe-á entregue.»



Que magnífico expediente! E sem esperar por resposta, sobe para o carro apertando sempre Susana nos braços. A pobre pequenita muito admirada não compreende nada e não diz palavra.

Agora a caminho!

Mas apenas o carro parte, a pobre mulher desata aos gritos e em grandes prantos porque lhe roubaram a «sua filhinha.» O filho mais velho deita a correr atrás do carro, querendo por fôrça recuperar «a irmã». Felizmente, os condutores são dois bons e robustos criados da Missão.

Algumas ruas mais longe, a Irmã Francisca manda parar o carro diante dum armazém. O jovem chinês que as seguia a distância, alcança-as logo:

«Siéu-Tau, veja como Susana está em desalinho; não tem nem meias nem sapatos.

(Continua).



Como no Rio de Janeiro
os pequeninos do Jardim de Crianças
celebraram o seu PRIMEIRO DIA DAS MISSÕES

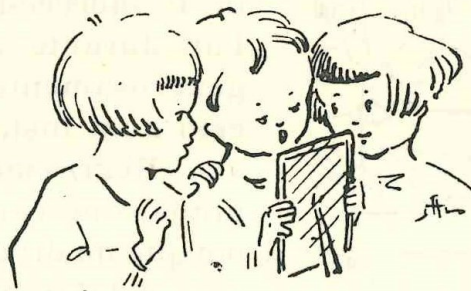
DIA das Missões. É verdade que até os mais pequeninos podem e devem mesmo tomar parte nêle? A Madre M. explicou-o tão bem que, chegado a casa, Paulo não deixa a mamã em sossêgo emquanto ela não lhe dá uma latinha de arroz para os pobrezinhos que não têm nada que comer.

No dia seguinte, ao levar o seu filhinho às missionárias, vendo o grupo dos pobres que esperavam para receber a sopa, a mãe de Paulo supõe que se trata daqueles indigentes. Todavia pede uma explicação à professora de Paulo e, quando ela lhe diz que o próximo domingo será consagrado às Missões, isto é, à salvação das almas pagãs, então uma bela nota vai juntar-se à caixa de arroz.

Mas afinal o que pede o Dia das Missões? Muitas outras coisas! O Padre Ângelo disse aos pequeninos: é preciso orar, sacrificar-se e engenhar-se para as Missões.

Engenhar-se?... Como? As crianças das obras do Rio de Janeiro vão aprender. Sabem unicamente que haverá alguma coisa de extraordinário; que cada um, na medida do possível, deve pedir aos papás *tostões* para as Missões e depois verão o resto! À porta fechada, as Irmãs instalam no grande atelière e debaixo da varanda — porque o tempo apresenta-se instável — diversos balcões, depois uma pesca, emquanto vários objectos são colocados sôbre uma mesa para a tômbola.

Dalsa e algumas outras meninas auxiliam muito gentilmente a dispor tudo, reapparecendo em seguida vestidas à india, à chinesa, à birmane, à japonesa, inclusivamente à africana, para tomar conta dos dife-



rentes balcões.

Depois da Bênção do Santíssimo Sacramento, à qual tôda a gente assiste, abrem-se as portas *da festinha*.

Imagine-se que



explosão de surpresa e de alegria! Tantas coisas encantadoras e tudo isso se pode comprar em proveito das Missões?

E para a tómbola, que linda Santa Teresinha feita em asas de borboletas!

Que lindas estampas e objectos em vidro com desenhos muito artisticos executados também com asas de borboletas, trabalhos que são uma especialidade do Brasil! E ainda uma máquina fotográfica diante da qual tôdas as crianças se morrem por ela!...

A festa é das mais animadas, e as mãozinhas impacientes estendem *tostões* e mais *tostões*.

Da sacada, as estudantes do Lar assistem, divertidas. Logo, vão reclamar também a sua parte na festa do ano próximo. Às 6 horas terminou tudo... não por falta de combatentes, mas de munições sôbre os balcões e de tostões nas pequenas algibeiras! Cada um deu as suas moedas com muita alegria, mas em compensação estão encantados com as compras!

Ficaram apenas alguns bolos. As vendedoras têm a boa ideia de ir oferecê-los às raparigas do Lar durante a ceia. Todos êles generosamente pagos, desaparecem num instante.

Regressados a casa, os pequeninos contaram mundos e fundos, porque de diversos lados nos chegam a falar nisso e os pais pro-

metem que para o «ano que vem» se fará muito mais e melhor. *Si Deus quiser!*

Sim, se Deus quiser! E para melhor compreender a felicidade de dar e assim salvar as almas, no dia seguinte duas criancinhas do patronato acompanhavam à *Curia* (paróquia) as Irmãs encarregadas de entregar ao Reverendo Padre Cura a bonita soma recolhida nas obras da Casa do Coração Eucarístico, no Rio, para a salvação dos pequeninos pagãos.

N O V E M A Z U L

“SIEU-TAU, trago-lhe uma criança. Ficou sòzinha no mundo e não pede outra coisa senão vir para o orfanato. Mande-lhe fazer um *ko-touo* (postração) diante do crucifixo para experimentar a sua boa vontade. Fê-lo sem hesitar. Aceita-a?»

Quem fala assim é uma cristã, uma pobre mulher que a-pesar-da sua extrema pobreza, anda sempre à procura de misérias para aliviar, de pessoas para baptizar e de ocasiões para praticar boas obras.

A pequena de que se trata pode ter uns nove anos, quando muito. E a julgá-la segundo as aparências, que nem sempre enganam tanto como se diz, o pente e o sabão são-lhe pouco familiares, ou totalmente desconhecidos; meias e sapatos igualmente. Como vestuário traz umas calças velhas, muito compridas, e um casaco do qual os múltiplos remendos parecem não se segurarem por mais do que um fio.

Segue-se então êste interessante diálogo:



- «Como te chamas?
- *Làn-Yùn* (Nuvem Azul)
- Tens irmãos e irmãs?
- Tinha, mas morreram.
- E os teus pais?
- A minha mãe morreu também, há oito dias; três dias depois morreu o meu pai. Mas ninguém vinha buscar o seu corpo e eu tinha muito medo de estar junto dêle... então fugi.
- Pobre pequena! E que fizeste desde essa altura?
- Coisa nenhuma.
- Não trouxeste nada da tua casa quando vieste embora?»
- A criança olhou muito admirada:
- «Nós não tínhamos casa.
- Então aonde estáveis todos?
- Detrás das muralhas, nos abrigos.
- Não tínheis ao menos uma cama?
- Não.
- E uma esteira?
- Também não.
- Então como dormíeis?
- Sôbre os farrapos que encontrávamos nas ruas.
- Não tínheis tão pouco um *ko* (panela) para cozer o arroz?
- Não.
- Como vos arranjáveis pois?
- Íamos para junto dos quartéis e dos *tsa-pu* (espécie de botequins, cafés) e comíamos o que nos davam.
- E juntáveis tudo na mesma tigela?
- Nós não tínhamos tigelas, tínhamos só umas latas velhas, de conservas.
- Não tens outros vestidos sem serem os que trazes?
- Não.
- E no inverno?
- Quando os soldados tinham um cobertor a mais, emprestavam-no-lo.
- Em suma, não tínheis absolutamente nada?
- Oh sim!
- E os olhos da criança brilharam de-repente.
- «O que era?
- Uma vassoura!



— Uma vassoura? Então tu gostas muito de varrer?

— Oh! *Shi-huin, shi-huin!* (gosto, gosto!)

— Está bem! Visto que gostas de ficar aqui, vamos dar-te uma vassoura, muito linda, nòvinha, e poderás varrer tanto quanto quiseras.

— Não, eu antes quero ir buscar a minha, e depois volto.»

Adivinhando que êste *pao-pé* (tesouro) não o era para mais nin-

guém senão para *Làn-Yùn*, apresentaram-lhe uma vassoura linda, completamente nova. Foi logo que esqueceu a dela. Lança-se sobre a que a Siéu-tau lhe trouxera, aperta-a ao coração como um tesouro e sem pedir nada mais deita a correr para o grande pátio do orfanato.

Desde então, o maior encanto que a pequena Nuvem Azul encontrou na sua nova vida, — sem dúvida que já o adivinhastes — o pequeno varrido de manhã que o regulamento impõe a tôdas as crianças já um pouco crescidinhas. Por vezes, devemos também confessá-lo, *Làn-Yùn* tinha alguns caprichos, alguns ataques de selvajaria, resistências ao regulamento tão diferente dessa plena liberdade da qual ela tinha sido mestra até êsse dia. Bastava, em geral, lembrar-lhe a «vélha vassoura». Era agora um espectro que na pequena imaginação de *Làn-Yùn* evocava o cortejo negro do frio, da fome e da miséria de outrora.

E isso trazia-lhe a maior parte das vezes contrição e um novo período de bom comportamento.

Todavia, quando chegaram os grandes calores, desencadeou-se uma tempestade de lágrimas, de gritos, numa palavra, um temporal medonho. *Làn-Yùn* andava completamente transtornada.

«Como?! Querem que eu vista meias, sapatos, dois vestidos, e além disso um véu para ir à capela? Ah! é demais, é demais! Antes de vir para aqui, mesmo no inverno, não usava nada nos pés e durante todo o ano trazia o mesmo farrapo no corpo.

— E que tinha eu para dormir? Que tinha eu para comer? Que tinha eu para varrer?...»

Mais uma vez ainda, faz o paralelo entre o triste passado e o feliz presente. Vamos, pobre Nuvenzinha Azul, aprende a tornar-te melhor e a deixar de ser selvagem!

Pouco a pouco tudo vai melhorando e as cenas dêste género tornam-se mais raras. *Làn-Yùn* entrega-se ao estudo, «se bem que isso não sirva para nada», dizia ela no princípio, e os ca-



racteres chineses começam a parecer-lhe um pouco menos repugnantes, mesmo a interessá-la... Quanto a pô-la no «atelier», embora não fôsse mais do que uma hora por dia como

as outras pequenas da sua idade é coisa em que ainda se não pode pensar; seria exigir muito desta ligeira Nuvem Azul habituada a flutuar nos grandes espaços à mercê da sua fantasia.

A par disso, *Làn-Yûn* tem as qualidades das pobres crianças que já sofreram: é duma abnegação sem igual, tem um coração bom e compassivo e uma grande boa vontade. De tais fontes pode-se tirar partido e fazer grandes coisas. Muito suavemente a sua alminha começa a desabrochar com as belas verdades da religião. Não será preciso muito tempo, sem dúvida, para que ela seja conquistada e se torne uma alma muito branca para entrar no número dos filhos de Deus.

Ardendo de amor

Lulu, uma das benjamins da escola de S. Francisco de Tchefu, prepara-se para a sua primeira Comunhão. Todos os dias, com tanta exactidão como fervor, inscreve os seus sacrifícios num livrinho guardado preciosamente.

Mas... exprimir o seu amor pelo Pequenino Jesus é coisa mais difícil.

Sente o seu coraçãozinho abrasado, mas como há-de explicá-lo?

«Então, Lulu, o que vai encontrar o Menino Jesus no teu coração, no domingo?...»

Rebusca no pensamento uma comparação digna do seu amor ardente. Eis que finalmente a encontra! Que é que poderia arder mais intensamente do que a grande fornalha do aquecimento central?

«Encontrará o meu coração cheio de carvão!» exclama ela, felicíssima por ter conseguido achar o que desejava!





ESTAÇÃO de Shwebo.

Uma tarde de Semana Santa, alguns instantes antes do comboio partir, chegam duas Franciscanas Missionárias de Maria. Uma delas, carregada com um cêsto aberto, um dêsses grandes cêstos bîrmanes, coloca-o suavemente no chão, junto dela, não deixando um só instante de o vigiar. De-repente sai do dito cêsto um brando chôro que desperta a atenção duma mulher bîrmane que espera também o combóio.

«Oh! *Calé lé*!» (uma criancinha).

Foi quanto bastou. Num instante, homens, mulheres e crianças, numa palavra, todos aquêles que a tal hora se encontram na estação, rodeiam o cêsto que se tornou misterioso. Mil e umas perguntas chovem. Um be-bêzinho de quatro meses, encarrega-se de dar a resposta, fazendo cair com um puxão enérgico, o pano que cobre o cêsto. E o círculo dos curiosos aumenta mais ainda.

Mas é justo que só êle goze da piedade que suscita?... Esbracejando um pouco, acaba de tirar o pano e descobre um outro bebê, muito



ocupado com o seu biberão não tendo tempo para se distrair um só momento.

«Mas... são dois!...

— Donde vêm?

— Para onde os levam?»

A história é muito simples:

Não têm pai nem mãe. Ninguém os queria, iam morrer de miséria... Pediram-nos que os aceitássemos e agora levamo-los para a creche de Bhamo.»

A chegada do comboio corta tôdas as mais perguntas:

«Para as carruagens!»

Os dois órfãozinhos fazem a sua primeira viagem. E foi assim que nas vésperas da Páscoa, a creche de Bhamo recebeu dois novos passarinhos que não conhecerão mais a fome.

Que nomes se lhes deveriam pôr?

Pascal e Pascalina!

Não houve mesmo sombra de hesitação.

Como se fundou uma Missão entre os antropófagos

PACIÊNCIA QUANDO SE CIVILIZAM ANTROPÓFAGOS!...

AS obras progrediam na Missão e continuas caravanas não cessavam de trazer crianças, até quinze e vinte de cada vez; algumas eram robustas, outras vinham extenuadas de cansaço e muitas tão pobres, tão miseráveis, que pareciam chegar justamente só em procura do caminho do céu e da água santa que lhe abre a entrada.

Mas não havia apenas estas crianças que chegavam assim à Missão.

«Recebemos também, escrevia, em 1899, Madre Maria do B. Rizzier, raparigas muito selvagens e cuja vigilância se torna bem difícil, pois trazidas contra vontade, procuram mil maneiras de se escapar. Últimamente, duas sobretudo causaram-nos um grande desgosto, porque deixadas sózinhas, não foi mais que um instante, tanto bastou para que se não encontrassem mais. Que sede de liberdade têm estas negrinhas! A mais velha, astuciosa e lisonjeira, tentava sem cessar enganar-nos; a segunda, mais dócil, sofria o ascendente da mais velha.

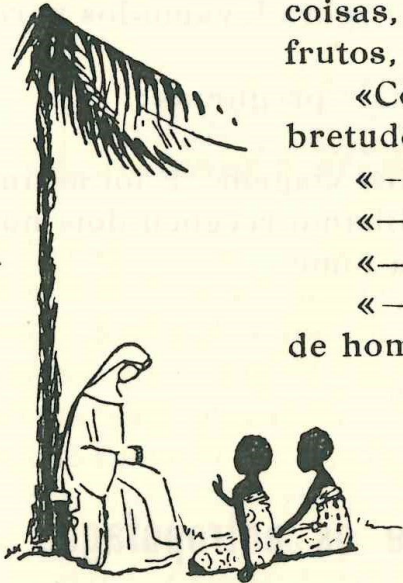
Uma noite, depois de terem tramado um novo plano de evasão, vieram deitar-se aos meus pés, dizendo:

«Ah! Que lindo é ser branca!

«— Nós gostamos muito de vós!

«— Nunca queremos deixar-vos!» etc., etc.

Como sabia que lhes dava gosto, comecei a fazer-lhes perguntas sobre os costumes da sua terra. Encantadas, contaram-me mil coisas, e pouco a pouco a conversa foi parar aos frutos, aos animais, à alimentação.



«Comida tínhamos muita em nossa casa, sobretudo *mongala* (carne).

«— Tinheis pois assim tanta *mongala*?!

«— Oh! sim, todos os dias cestos cheios!

«— E que espécie de *mongala*?

«— Algumas vezes de animais, mas sobretudo de homens; matavam-nos muitas vezes...»

E dizendo isto, Mosembé fixava a minha mão com olhos de gula.

«E esta carne é boa? perguntei, notando a expressão desse olhar.

«— Essa... *Mamelo*... é a melhor. Oh! é boa... boa!»

«E ambas lambiam os beiços com uma cobiça que não pensavam mesmo em dissimular. Ah! estas duas gatas felinas, se eu estivesse sòzinha com elas na floresta com que presteza me não teriam pôsto no espêto!

«Então mudando de assunto e querendo lançar um primeiro clarão de verdade nestas pobres almas, falei-lhes na felicidade de estar na Missão, de aprender a conhecer, a amar e a servir a Deus para se tornarem boas cristãs e um dia fundar um lar feliz.

«Sim, respondeu Mosembé, a mais velha, eu queria um marido.

«— Muito bem, aprendei ambas o catecismo; quando estiverdes suficientemente instruídas, o Padre baptizar-vos-á e tercis em seguida cada uma o seu marido.»

«No dia seguinte, as duas amigas assistiam ao catecismo; mas a pobre Mosembé veio só para dissimular os seus projectos; o plano estava já traçado. À noite, tendo a escuridão a seu favor, fugiu com Boma; procuraram-nas por tôda a parte... Tinham recuperado a sua selvagem liberdade.» — (Continua.)

PÁGINA DAS ADOPÇÕES

(Continuação da 2ª pág.)

nome de *Maria da Conceição*. Ambas gostaríamos imenso dos seus retratos e de ter de vez em quando notícias dos nossos afilhadinhos. Para o seu baptizado enviamos essa quantia.

Somos só assinantes do vosso jornal desde Janeiro; interessa-nos muito e por isso vamos arranjar assinaturas entre as nossas amigas, cujas direcções enviaremos depois. Queremos fazer propaganda da nossa revistazinha. Aceite, Reverenda Madre, os nossos respeitosos cumprimentos.

Rosário e Conceição

Como são gentis as nossas pequeninas assinantes! Agradecemos-lhes muito o grande interesse que têm pelo seu Correio Missionário e também o trabalho de arranjar assinaturas. Sim, é preciso que êle se propague e isso está nas mãos dos nossos assinantezinhos. Se cada um arranjasse uma assinatura, que grande alegria depois ao publicar a lista das novas assinaturas e dos pequeninos que as arranjaram! O pedido das duas gentís meninas será satisfeito e recebida a resposta será logo transmitida.



MUNICIPIO DE BARCELO
BIBLIOTECA

Muito obrigado

À Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria do Rosário da Costa Martins Moreira (Coimbra), pela sua generosa oferta de 20\$00 para o baptismo dum pretinho com o nome de José António.

À menina Maria Helena (Lisboa), pela generosa quantia de 15\$00 para os chinesinhos.

Nihil obstat

3-3-939.

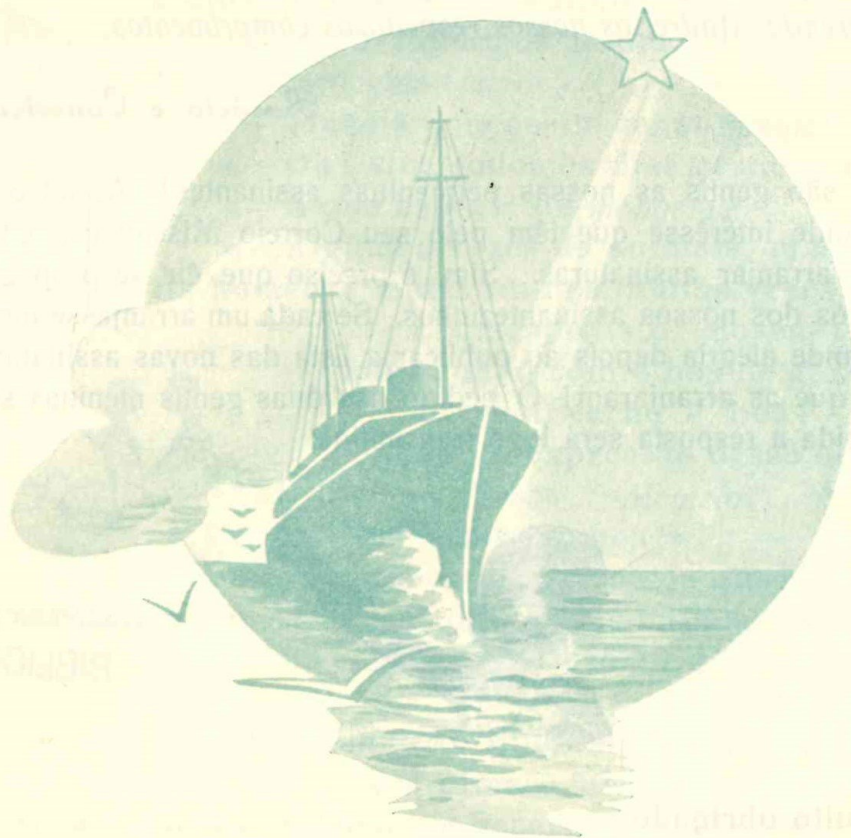
Alexandrino Santos.

Imprimatur

Bracaræ, 3 Martius 1939.

† A., Arch. Bracaræ.

PÁGINA DAS ADOÇÕES



CORREIO MISSIONÁRIO DAS CRIANÇAS. — Assinatura anual : 5\$00 — Colónias : 6\$00

Para os assinantes dos Anais : 4\$00 — Assinantes Benfeitores : Grátis

Número avulso : \$60

Tipografia das Missões Franciscanas — Braga